

TRADIÇÕES POPULARES ALEMTEJANAS

Na seguinte collecção de tradições populares do Alemtejo representei, sempre que isso me foi possível, a pronúncia vulgar da provincia; de modo que ellas servem ao mesmo tempo de textos dialectaes.

I

Dictados topicos ¹

- | | |
|---|--|
| 1) | 5) |
| Campe Maiori
Terra bôa
Jéinti milhóri | Viilla-Boiim.
Terra bôa
E jéinte ruiim |
| 2) | 6) |
| Campe Maióri
Terra das mânas,
Umas êngrátas
Otras tirânas | Vossêi méinte,
S' a terra éi bôa,
Milhor é a jéinte |
| 3) | 7) |
| Viilla ² Veçosa,
Détada na cama,
Mulhé' priguçosa. | Ande-lh'o redóri,
S' a terra éi bôa
A jéint' é milhóri. |
| 4) | 8) |
| Ê quer' casári
Vô ó Landroáli;
Se lá nã achári,
Vô a Brabaceina,
Trág' mulhé' p'r'a câma
E burr' p'r'a leinha. | Queim quer aprender à 'ndári,
Vá d'Arronchis ó Assumari;
Queim quer ôtra legu' àssiim,
Vá d'Elvas a Viilla-Boiim. |

(Recolhidos em Elvas).

¹ Sobre dictados topicos portuguezes vid.: *Dictados topicos de Portugal* por J. Leite de Vasconcellos, Barcellos 1882; *Anuario das trad. pop. portuguezas*, Porto 1882, pag. 47; *O povo portuguez* por Th. Braga, Lisboa 1886, vol. II, pag. 352 sq.

² Com a graphia *ê* quero notar um *e* prolongado.

II

Contos populares

1. — A Serêna d' Alamares

Havia 'ma mulhêri que tinha duas filhas, e tratav'as munto má-li. Sabia que num moinh' appar'cia 'm' ávêntesma, que matava quem lá ia. O que feís a mulhêri? Levantó-se um dia e disse p'ra uma das filhas: — Maria, tòm' este sacc' (sacco) de trig' e vai ó moinho de tal moêri. A rapariga foi. No mê do caminh' incontrô um galo e disse-le: — Maria dêxas-m' ir côm'tigo? — Pôs vêim, disse-l' ella. Foi más adiante, incontrô um cão: — Maria, dêxas-m' ir côm'tigo? — Pôs vêim. Más adiant'um gato: — Maria, dêxas-m' ir côm'tigo? — Pôs vêim. Chigô ó moinho, moê' a farinha e feís 'mas papas. Diz o galo, o cão e o gato: — Maria, dêxas-me ciar côm'tigo? — Pois céieim, diss' a rapariga. Ciárom todos juntos, e él' i' á dêtar-se. Diz o gal', o câ¹ e o gato: — Maria, dêxas-m' dêtar côm'tigo? — Pôs dêteim-se. Tudo ficô riunido. P'la nô't' adiant' ôvi' éla batô' munt' á porta do moinho e dezêri: — Maria, abre-m'a porta, que te quer' comêri! Diz a rapariga: — Ai, mé gatinho!... e o gato começô a miar munto, e aquela cõsa retirô. Passado pôco têmpo tornô aquela cõsa a dezêr o mesmo. E ela: — Ai, mé cânzinho!... e o câ começô a ladrar e a tal cõsa retirô. Passado pôco têmpo tornô aquela cõsa: — Maria, abrem'a porta, que te quer' comêri! — Ai, mé gallinho!... e o gal' cantô até manhêim, e a rapariga pôz-s' a caminho c'o sacc' de farinha. A mãi, q'and' a viu, disse: Ind' aquêl' diabo m'apparece! — No ôtro dia mandô a ôtr' irman, que tambeim se chamava Maria, e intregô-lh' ôtre sacc' de trigo. A rapariga pôz-s' a caminho. Incontrô um gallo: — Maria, dêxas-m' ir côm'tigo? Ella disse: Nã quer' ir com gal's atrás. O gall' nã s'importô, e seimpre foi. Más adiant' incontrô um cão: — Maria, dêxas-m' ir côm'tigo? — Nã quer' ir com cân's atrás. O câ seimprê foi. Com o gât' acontecê' o mêismo. Chigô ó moinho, moê' a farinha e feís 'mas papas. O cân e o gato e o galo dissêrõm-le: — Maria, dêxas-me ciar côm'tigo? — Nã quero! Foi a dêtar-se. Tornârõm elles: — Maria, dêxas-me dêtar côm'tigo? — Nã tinha más que fazêri, senã dromire com cân's, gates e gallos. Cada um foi munt'

¹ (No Alemtejo, como me informa o sr. Pires, diz-se *cão* e *cã* (i. é, *cã*m ou *cã*n); a primeira forma usa-se isoladamente ou em fim de phrase; a segunda quando se liga a outra palavra ou está no deninutivo (*cãnzinho*). A razão d'isto é a seguinte: no último caso a palavra torna-se proclítica e por tanto subordinada ao accento tónico da palavra immediata, de modo que a pronúncia não admittê a syllaba *ão* atona, e substitue-a por *ã*. E' pelo mesmo motivo que se diz no Sul *não* e *nã quero*, na Beira *mãncêria* (= mão cheia) e no geral do país *tão* e *tãmbem*. Já o nesso distincto philologo do sec. passado, Antonio das Neves Pereira, se referiu a esta ordem de factos. — *J. L. de V.*)

amuado, o gal' p'r'ó poléro, o gat' p'r'ó borralho e o cân p'r'á páilha. P'la nô't' adiante băt' a tal cōsa: — Maria, abre-m'a porta, que te quer' comeri! — Diz ella: — Ai mē cânzinho!, . . . E o cão, nada! Continuô a cōsa: — Abre-m'a porta! — Ai, mē gatinho!, . . . E o gat', nada! Continuô: — Maria, abre-m'a porta! — Ai, mē gallinho!, . . . E o gal', nada! Tant' a tal cōs' átêmô, q'a rapariga abri' a porta. Entrô a Serêna d'Alamáres, e disse: — Maria, vai aquécer-m' um taiche ¹ d'agua p'ra me lavar's os péis. A rapariga, com munto méido, foi fazê' tudo. Veiu com o taiche d'agua e começô a lavar-l'os péis, e disse: — Serêna d'Alamáres, p'ra que teins tamânhes ² ôvidos? — P'ra ôvir os defuntos. — Serêna d'Alamáres, p'ra que teins tamânha cabeça? — P'ra dár marradas nos defuntos. — Serêna d'Alamáres, p'ra que teins tã grandes olhos? — P'ra ôlhar p'r'ós defuntos. — Serêna d'Alamáres, p'ra que teins tã grande nariz? — P'ra chêrar os defuntos. — Serêna d'Alamáres, p'ra que teins tã grande bocca? Pregô um salto e disse: — P'ra te comeri! E inguli' a rapariga.

Sêja Dês lôvado!

'Stá o mé cont' acabado.»

(Recolhido em Elvas).

A. THOMAZ PIRES.

1 == tacho.

2 == tamanhos.